

A INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA COMO FACILITADORA DAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS EM CONTEXTO ESCOLAR

Ana Raquel Magalhães Silva¹

Filipe José Alves do Couto²

Patrícia Alexandra Barros Amaro³

RESUMO

Este artigo apresenta e analisa o projeto de intervenção socioeducativa “Pontes de Conexão”, desenvolvido no contexto de um estágio curricular em Educação Social, realizado numa escola do norte de Portugal. A intervenção socioeducativa teve como objetivo principal promover competências socioemocionais, como empatia, escuta ativa, cooperação e autorreflexão, junto de alunos do 2.º ciclo, através de metodologias expressivas, participativas e lúdicas. Com base numa metodologia qualitativa e de investigação-ação, o estudo integrou observação participante, registos reflexivos, entrevistas informais e reuniões de equipa multidisciplinar, permitindo um diagnóstico aprofundado das necessidades dos alunos. As atividades implementadas favoreceram o envolvimento dos alunos e a criação de um ambiente de confiança, revelando melhorias nas relações interpessoais, na escuta e no trabalho em equipa. A reflexão-ação contínua foi determinante para a adaptação das estratégias educativas ao longo do processo. Durante o estágio, ficou também patente uma abordagem colaborativa e de construção de pontes entre os diferentes técnicos envolvidos, com formações académicas distintas e complementares puderam refletir, planejar e intervir. Um dos temas abordados foi a Educação Não Formal, que trouxe a esta intervenção um potencial evidente que os vários saberes sobre a educação, são mais uma mais-

¹ Licenciatura em Educação Social, Escola Superior de Educação de Fafe – Instituto Europeu de Estudos Superiores (ESEF-IEES)

² Escola Superior de Educação de Fafe – Instituto Europeu de Estudos Superiores (ESEF-IEES), Centro de Investigação, Desenvolvimento e Inovação (CIDI-IEES)

³ Licenciada em Sociologia, Universidade Autónoma de Lisboa.

valia para comunidade educativa. Os resultados demonstram o potencial transformador da Educação Social em contexto escolar e reforçam o papel do Educador Social como agente facilitador da inclusão e do desenvolvimento integral dos alunos.

PALAVRAS-CHAVE

Educação Social; Intervenção Socioeducativa; Competências Socio emocionais; Escola Inclusiva; Relações Interpessoais; Educação Não Formal;

ABSTRACT

This article presents and analyzes the socio-educational intervention project “Pontes de Conexão” (“Bridges of Connection”), developed within the context of a curricular internship in Social Education, carried out in a school in northern Portugal. The main objective of the socio-educational intervention was to promote socio-emotional skills, such as empathy, active listening, cooperation, and self-reflection, among lower secondary students, using expressive, participatory, and playful methodologies. Based on qualitative and action-research methodology, the study incorporated participant observation, reflective journals, informal interviews, and multidisciplinary team meetings, allowing for an in-depth diagnosis of the students’ needs. The implemented activities fostered participant engagement and the creation of a trusting environment, leading to improvements in interpersonal relationships, listening skills, and teamwork. Continuous reflection-in-action was essential for adapting educational strategies throughout the process. During the internship, a collaborative approach and the building of bridges among the different professionals involved also became evident. These professionals, with diverse yet complementary academic backgrounds, were able to reflect, plan, and intervene collectively. One of the topics addressed was Non-Formal Education, which brought to this intervention a clear potential, demonstrating that the plurality of educational perspectives constitutes an added value for the educational community. The results demonstrate the transformative potential of Social Education in school settings and reinforce the role of the Social Educator as a facilitator of inclusion and the holistic development of students.

KEYWORDS

Social Education; Socio-Educational Intervention; Socio-Emotional Skills; Inclusive School; Interpersonal Relationships.

INTRODUÇÃO

Em Portugal a Educação Social tem vindo a afirmar-se como uma área de intervenção fundamental em contextos escolares, sobretudo naqueles que enfrentam situações de vulnerabilidade e exclusão. Em contexto escolar, a ação do Educador Social revela-se essencial na promoção da inclusão, da cidadania e do bem-estar emocional, atuando em complementaridade com os modelos de educação formal.

Este artigo resulta da experiência realizada na implementação do projeto “Pontes de Conexão”, concretizado num estágio curricular desenvolvido na equipa do Plano de Desenvolvimento Pessoal, Social e Comunitário (PDPSC), num agrupamento de escolas da região norte interior de Portugal. O projeto “Pontes de Conexão” surgiu da necessidade de intervir junto de turmas com manifestações de dificuldades na cooperação, escuta ativa, trabalho em equipa e relações interpessoais. A intervenção socioeducativa aqui descrita procurou criar um espaço de aprendizagem partilhada, através de atividades dinâmicas, artísticas e reflexivas, promovendo a inclusão e a participação ativa dos alunos.

EDUCAÇÃO SOCIAL E CONTEXTO ESCOLAR

A intervenção socioeducativa assenta na articulação entre os campos da Pedagogia Social e da Educação Social, compreendendo os seus fundamentos epistemológicos e a sua relevância para o contexto escolar contemporâneo. A Pedagogia Social, entendida como o campo científico e filosófico que dá suporte à intervenção socioeducativa, centra-se no desenvolvimento integral da pessoa em sociedade. Nas palavras de Azevedo (2009), trata-se de uma pedagogia que intervém

na realidade social para a transformar, promovendo a equidade, a justiça social e a coesão comunitária.

A Educação Social, entendida contemporaneamente como a *praxis* da Pedagogia Social, envolve um conjunto de ações educativas intencionais, realizadas em contextos diversos, com o objetivo de apoiar os indivíduos no desenvolvimento das suas competências pessoais, sociais e relacionais, promovendo a sua autonomia e integração plena na sociedade (Carvalho e Baptista, 2004). A Educação Social destaca-se pela intervenção com populações marginalizadas ou excluídas através de práticas educativas, tendo evoluído para uma abordagem profissionalizada e interdisciplinar. Atualmente, em Portugal, abrange áreas tão distintas como a educação comunitária, o apoio a crianças e jovens em risco, a inclusão de pessoas com deficiência, a promoção do envelhecimento ativo, o apoio a migrantes e refugiados, entre outras. A sua intervenção em contexto escolar representa uma extensão natural da missão inclusiva da educação, tendo vindo a aumentar significativamente nos últimos anos, em particular nas escolas pertencentes a Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP).

A educação social em contexto escolar tem-se afirmado como uma dimensão essencial na promoção da inclusão, da justiça social e do bem-estar das comunidades escolares. O educador social, neste cenário, destaca-se como um agente mediador entre os diferentes intervenientes da comunidade educativa - alunos, famílias, professores e comunidade envolvente – ao promover práticas pedagógicas não formais e complementares às atividades letivas. Segundo Carvalho e Baptista (2004), o educador social atua simultaneamente como ator social, educador e mediador, reunindo competências técnicas e relacionais que o tornam essencial na construção de ambientes educativos mais humanizados e participativos. A sua presença nas escolas responde, assim, às exigências contemporâneas de lidar com a diversidade, o insucesso escolar, o absentismo e os desafios socioemocionais dos alunos (Jesus *et al.*, 2024).

Neste contexto, o papel do educador social é também evidenciado pela sua intervenção centrada no desenvolvimento de competências socioemocionais, fundamentais para a formação integral dos estudantes. Projetos destacados por Jesus *et al.* (2024) demonstram como a educação social

pode contribuir para a promoção do autoconhecimento, da empatia, da autorregulação e das relações interpessoais saudáveis através de práticas como o mindfulness. A escola, enquanto espaço privilegiado de socialização, não pode limitar-se à transmissão de conteúdos curriculares, devendo também atender às necessidades emocionais e sociais dos seus alunos, papel que o educador social assume com naturalidade, colaborando com equipas pedagógicas multidisciplinares na criação de ambientes seguros e estimulantes para todos.

Apesar disso, a integração plena do educador social nas escolas enfrenta resistências, muitas vezes derivadas do desconhecimento sobre o seu campo de atuação. Estudos demonstram que, após um período de colaboração e de evidência prática dos benefícios da sua atuação, estas resistências tendem a atenuar-se, reconhecendo-se o valor acrescentado da educação social em complementar as funções pedagógicas tradicionais, especialmente em territórios educativos mais vulneráveis (Carvalho & Carvalho, 2023). A sua intervenção visa ainda aproximar a escola da comunidade, criando “pontes” entre o contexto escolar e as realidades sociais dos alunos, sobretudo em situações de vulnerabilidade socioeconómica e emocional (Moreno, 2023; Ventura, 2021).

Assim, contemporaneamente, o educador social é uma figura fundamental no reforço do papel da escola como espaço inclusivo, democrático e integrador. A sua ação contribui significativamente para a construção de uma cultura escolar mais participativa, onde cada aluno é reconhecido na sua singularidade e apoiado no seu percurso de desenvolvimento pessoal e social. Para tal, é fundamental continuar a investir na formação especializada destes profissionais e na valorização do seu papel dentro das políticas educativas, assegurando a sua presença efetiva nas equipas multidisciplinares escolares.

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A educação não formal acontece em ambientes estruturados e tem objetivos definidos, através de programas ou currículos, implementados por profissionais.

Segundo o Compass, Manual para a Educação para os Direitos Humanos com jovens do Conselho da Europa, (Conselho da Europa, 2002, p. 31) “a educação não-formal refere-se a programas e

processos de formação pessoal e social planeados que visam melhorar a gama de capacidades e de competências, fora do currículo do ensino formal estruturado.”

A educação não formal em espaços diversificados como associações juvenis, clubes desportivos, grupos de teatro ou associações locais, onde jovens se reúnem para desenvolver projetos em conjunto, participar em jogos, debater ideias, acampar ou envolver-se em atividades artísticas como a música e o teatro. Como reforçado no Compass (Conselho da Europa, 2002,) este tipo de educação caracteriza-se por ser voluntária, aberta a todas as pessoas, organizada de forma intencional com objetivos pedagógicos claros, promovendo a participação ativa e colocando o aprendente no centro do processo. Valoriza-se, assim, a aquisição de competências para a vida e a preparação para uma cidadania ativa, através de uma aprendizagem que combina o contributo individual com o trabalho em grupo, seguindo uma lógica coletiva, holística e orientada para o processo. Trata-se de uma aprendizagem baseada na experiência e na ação, sempre ajustada às necessidades concretas dos participantes.

Ao analisarmos os princípios da educação não formal, centrada no aprendente, de caráter holístico, transformador e fundamentada em valores e direitos humanos, é possível reconhecer a sua pertinência também no espaço escolar, onde desde cedo as crianças iniciam processos de socialização e aprendizagem. Para compreender de que forma esta abordagem pode ser integrada no contexto escolar, basta observar o perfil do aluno à saída da escolaridade obrigatória, no qual se evidenciam princípios, áreas de competência e valores em sintonia com os fundamentos da educação não normal.

Nos últimos anos podemos ver a utilização da educação não formal em contexto escolar como uma mais-valia para aprendizagem. Como defende Kolb (1984), através da sua teoria do ciclo de aprendizagem experiencial, as sessões ou atividades desenvolvidas com jovens, através de experiências práticas, partilha e reflexão são experiências fundamentais para a transformação positiva comportamentos. Kolb (1984) indica que a experiência constitui a principal fonte de aprendizagem e desenvolvimento, identificando quatro fases essenciais nesse processo. O ciclo inicia-se com uma experiência concreta (um acontecimento, estímulo ou atividade) que é seguida

por um momento de reflexão individual ou em grupo. Posteriormente, ocorre a análise e avaliação dessa experiência, culminando na aplicação do conhecimento adquirido no quotidiano, de forma integrada e natural. Cada uma destas etapas é indispensável para que a aprendizagem seja efetiva. Por isso, cabe-nos, enquanto facilitadores, assegurar que os participantes percorrem todas as fases do ciclo de aprendizagem experiencial.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo é de natureza qualitativa, com base na investigação-ação e numa abordagem centrada na intervenção socioeducativa em contexto real. A metodologia qualitativa foi escolhida pela sua capacidade de explorar significados, compreender processos e interpretar realidades sociais complexas. Neste caso, permitiu captar as vivências e percepções dos alunos e profissionais envolvidos nas atividades, valorizando a experiência, a subjetividade e o contexto.

Durante o estágio privilegiou-se a utilização dos seguintes instrumentos e técnicas:

- *Observação participante*: através da integração ativa nas atividades escolares e extracurriculares, foi possível observar e registar comportamentos, interações e respostas dos alunos às propostas de trabalho. A observação direta constituiu a base principal de recolha de dados, possibilitando a análise das dinâmicas grupais e das reações espontâneas dos alunos.
- *Diário de campo e registos reflexivos*: após cada atividade, foram efetuadas anotações sistemáticas sobre o desenvolvimento das atividades, as dificuldades encontradas e os resultados observados. Estes registos incluíram também reflexões críticas sobre a prática profissional e as aprendizagens do estágio.
- *Entrevistas informais e diálogos com alunos e profissionais*: durante o estágio foram mantidos diálogos constantes com os alunos, professores, técnicos e assistentes operacionais, no sentido de compreender as suas percepções sobre as necessidades dos alunos e a eficácia das atividades implementadas. Apesar de não estruturadas formalmente, estas conversas foram essenciais para enriquecer a compreensão do contexto.

- *Reuniões com a equipa multidisciplinar:* a participação em reuniões da equipa técnica multidisciplinar (socióloga, psicóloga, artista residente) permitiu o planeamento conjunto das intervenções, a análise dos resultados obtidos e a partilha de estratégias metodológicas e pedagógicas.

Uma etapa fundamental deste processo metodológico foi o levantamento de necessidades. Antes da implementação das atividades, foi realizado um diagnóstico socioeducativo com o intuito de identificar os principais desafios e dificuldades das turmas envolvidas. Este levantamento teve como base a observação direta durante as primeiras semanas de estágio, bem como as informações recolhidas em sessões do projeto “Emoções On”, dinamizadas pelo PDPSC, onde os alunos manifestaram espontaneamente sentimentos, atitudes e comportamentos reveladores das suas necessidades.

A sistematização destas necessidades foi essencial para a construção de um plano de intervenção alinhado com a realidade concreta dos alunos. Através da escuta ativa, da análise dos contextos relacionais e da observação das dinâmicas de grupo, tornou-se possível delinear estratégias que respondessem de forma eficaz a estas fragilidades.

O grupo que participou no projeto da intervenção socioeducativa foi constituída por três turmas do 2.º ciclo de ensino básico, duas do 5.º ano e uma do 6.º ano, totalizando 57 alunos com idades entre os 10 e os 12 anos. A seleção das turmas baseou-se na identificação, por parte da equipa técnica da escola, de necessidades acrescidas ao nível da concentração, escuta ativa, cooperação e desenvolvimento de competências relacionais.

Durante todo o processo, desde o diagnóstico inicial até à implementação das atividades e posterior avaliação, foi adotada uma perspetiva de reflexão-ação, característica essencial da prática do Educador Social. A cada sessão, seguiu-se um momento de análise crítica do que havia ocorrido, considerando as reações dos alunos, os desafios enfrentados, as estratégias aplicadas e os ajustamentos necessários. Esta dinâmica de reflexão-ação permitiu reformular práticas, adaptar conteúdos e aprofundar a compreensão sobre as necessidades dos participantes.

Cada atividade foi planificada com objetivos específicos, com base neste diagnóstico inicial, e avaliada após a sua realização. A metodologia procurou sempre respeitar os princípios da Educação Social: escuta ativa, valorização da pessoa, participação, empatia, inclusão e desenvolvimento integral.

A análise dos dados recolhidos seguiu uma lógica indutiva, procurando identificar padrões, interpretações e transformações ocorridas ao longo do processo. A triangulação entre observação, registos reflexivos e *feedback* dos alunos e técnicos permitiu validar as interpretações e garantir a credibilidade dos resultados apresentados.

ATIVIDADES IMPLEMENTADAS

A intervenção socioeducativa “Pontes de Conexão” desenvolveu-se ao longo de vários meses, envolvendo um conjunto diversificado de atividades planeadas com base nas necessidades identificadas nas turmas. Cada sessão teve objetivos específicos e utilizou metodologias não formais, centradas na expressão corporal, artística, musical e emocional dos alunos. A escolha das atividades teve como base a promoção de competências como a empatia, a escuta ativa, a cooperação e a concentração. Entre as dinâmicas implementadas, destacam-se:

Roda do Nome e dos Sentimentos: Foi a atividade introdutória do projeto, que visava a familiarização do grupo e a criação de um ambiente de confiança. Através da partilha do nome e de um sentimento associado ao momento, promovia-se o autoconhecimento e o respeito pela expressão emocional do outro. Foi observada uma evolução na capacidade dos alunos de nomear emoções e escutar os colegas.

Labirinto Sonoro: Com base na escuta e orientação, esta atividade consistia em conduzir um colega com os olhos vendados por um percurso delimitado, utilizando apenas sons. O objetivo era desenvolver a confiança, a escuta ativa e a sensibilidade auditiva. A atividade revelou grande envolvimento dos alunos e mostrou-se eficaz na promoção da cooperação e do respeito mútuo.

Estátuas da Emoção: Dinâmica corporal em que os alunos expressavam, através de posturas e movimentos, diferentes emoções (como alegria, raiva, medo ou tristeza). A seguir, era promovido um momento de partilha sobre as interpretações das expressões corporais observadas. Esta prática potenciou a empatia e a leitura emocional não verbal.

Círculo Musical: Utilizando instrumentos musicais de percussão, os alunos criavam composições coletivas baseadas em batimentos rítmicos e respostas em eco. A dinâmica exigia atenção, escuta e sintonia grupal. Observou-se um crescimento na concentração dos alunos e no respeito pelo tempo de participação de cada um.

Jogos de Cooperação: Incluindo dinâmicas como “A Teia” (com novelos de lã para simbolizar interdependência) e “O Transporte do Balão” (exigindo coordenação conjunta). Estas atividades facilitaram a construção de espírito de equipa e a percepção de que os objetivos comuns são alcançados com colaboração.

Círculos de Palavra: Espaço de escuta e reflexão no final de cada sessão. Os alunos eram convidados a expressar o que sentiram, o que aprenderam ou o que mudariam. Estes momentos foram fundamentais para desenvolver a autorreflexão e fomentar o diálogo respeitoso.

Em termos metodológicos, as sessões foram estruturadas com uma abertura acolhedora, desenvolvimento ativo da proposta e encerramento reflexivo. A cada sessão seguiu-se um momento de reflexão-ação, permitindo reavaliar as estratégias e adaptar as atividades à realidade observada. O envolvimento crescente dos alunos foi visível, principalmente nas turmas com maior continuidade na intervenção.

De modo geral, estas atividades mostraram-se eficazes na criação de um ambiente educativo positivo, onde os alunos puderam explorar e desenvolver competências socioemocionais de forma lúdica e significativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados recolhidos ao longo da intervenção revelou diversos indicadores de mudança positiva nas três turmas envolvidas, bem como aspectos críticos que mereceram reflexão. A abordagem qualitativa permitiu observar com profundidade os comportamentos, atitudes e interações dos alunos ao longo do tempo, possibilitando a identificação de transformações significativas em domínios específicos.

Um dos resultados mais evidentes foi a melhoria na escuta ativa. No início da intervenção, muitos alunos apresentavam dificuldades em ouvir o outro, interrompendo com frequência e demonstrando impaciência durante as dinâmicas em grupo. Com o decorrer das sessões, foi notório um maior respeito pelos tempos de fala, maior atenção às instruções e mais disponibilidade para compreender os colegas. Este progresso pode ser atribuído ao espaço seguro criado pela intervenção, onde se promoveu a escuta como valor relacional fundamental.

Outro domínio com evolução positiva foi o trabalho em equipa. Inicialmente, vários alunos demonstravam resistência à cooperação, preferindo atuar de forma isolada ou impondo as suas ideias. Com a repetição de atividades cooperativas e a valorização do contributo de cada elemento, foi possível observar maior abertura ao diálogo, partilha de responsabilidades e solidariedade entre pares. As dinâmicas colaborativas favoreceram o sentimento de pertença e reforçaram os laços interpessoais dentro do grupo.

Em termos de empatia e expressão emocional, muitos alunos começaram a demonstrar maior capacidade para identificar e verbalizar sentimentos, tanto próprios como dos outros. A inclusão de momentos de reflexão coletiva e a utilização de linguagens expressivas (como a música e o corpo) revelaram-se cruciais para facilitar este processo. O desenvolvimento da empatia esteve também ligado à criação de vínculos afetivos mais fortes e a uma redução de comportamentos disruptivos, como provocações e exclusão de colegas.

Apesar destes avanços, a intervenção também revelou desafios persistentes, nomeadamente ao nível da gestão da liberdade e da concentração. Algumas atividades mais abertas exigiam um nível de autorregulação que nem todos os alunos conseguiam manter, resultando por vezes em dispersão e perda de foco. Este aspeto foi abordado nas sessões de reflexão-ação, onde se optou por estratégias mais estruturadas, mantendo espaço para a criatividade mas com regras claras de participação.

A articulação com o estagiário da área de Educação Musical trouxe uma dimensão interdisciplinar rica, mas também desafiadora. A integração de diferentes linguagens artísticas exigiu constante adaptação, tanto da parte dos alunos como dos intervenientes. No entanto, esta abordagem revelou-se poderosa na mobilização dos alunos, muitos dos quais mostraram entusiasmo e motivação acrescida nas atividades que envolviam som, ritmo e movimento.

Estes resultados confirmam o potencial da Educação Social em contexto escolar, especialmente quando assente em metodologias participativas, expressivas e não formais. A intervenção demonstrou que, quando devidamente acompanhadas e intencionalmente estruturadas, as atividades socioeducativas podem promover aprendizagens significativas, contribuir para o bem-estar dos alunos e reforçar os laços de confiança no ambiente escolar.

De um ponto de vista teórico, estes resultados validam as premissas da Pedagogia Social, que defende a educação como prática relacional, dialógica e transformadora. Através da escuta, da participação e da valorização dos sujeitos, foi possível construir um espaço educativo alternativo, onde as necessidades emocionais, sociais e cognitivas dos alunos foram respeitadas e integradas na prática pedagógica (Vieira, 2012; Camões et al., 2020).

Em suma, os resultados da intervenção indicam um progresso evidente em várias dimensões relacionais e socioemocionais, confirmando o impacto positivo da ação do Educador Social em contexto escolar. Ainda que existam limitações e aspetos a melhorar, como a consolidação da

autorregulação e a sustentabilidade das mudanças observadas, este projeto constitui uma evidência do valor transformador da intervenção socioeducativa.

CONCLUSÃO

O projeto "Pontes de Conexão" permitiu evidenciar o contributo valioso da Educação Social em contexto escolar, nomeadamente na promoção de competências socioemocionais fundamentais para a convivência democrática, o bem-estar e a inclusão. Através de uma abordagem participativa, expressiva e relacional, foi possível criar espaços educativos alternativos onde os alunos se sentiram escutados, valorizados e motivados a participar.

A intervenção permitiu desenvolver competências como a escuta ativa, a empatia, a cooperação e a autorreflexão, observando-se mudanças positivas no comportamento e nas atitudes dos participantes. A metodologia adotada, assente na investigação-ação e na reflexão constante, contribuiu para ajustar estratégias em função das necessidades emergentes, reforçando a relevância da escuta e da flexibilidade no trabalho educativo.

Apesar das dificuldades encontradas, nomeadamente ao nível da gestão da liberdade e da concentração, o balanço global é francamente positivo. O envolvimento dos alunos, a qualidade das interações desenvolvidas e a articulação com a equipa multidisciplinar demonstram que é possível construir pontes entre os alunos e a escola, entre a aprendizagem e a vivência, entre o currículo formal e as necessidades emocionais dos jovens.

Este projeto reforça a importância do Educador Social na escola como mediador, facilitador e promotor de processos educativos transformadores. Aponta ainda para a necessidade de continuar a investir em práticas socioeducativas, integradas e sistemáticas, que coloquem a pessoa no centro do processo educativo.

Desta experiência resultou também uma nova forma de compreender dois conceitos centrais. O primeiro é o da aprendizagem, entendida como um processo contínuo ao longo da vida, no qual as experiências podem ser transformadas em conhecimentos, competências e atitudes, podendo acontecer com ou sem a presença de um educador. O segundo é o da educação, vista como um processo intencional e estruturado, orientado por objetivos de aprendizagem e geralmente

conduzido por educadores. Além disso, a educação assume um papel essencial de socialização, transmitindo saberes, competências, valores e atitudes entre gerações.

Como perspetiva futura, recomenda-se a continuidade deste tipo de intervenções, alargando-as a outros níveis de ensino e promovendo a formação de docentes e técnicos na área da educação emocional e relacional. Sugere-se igualmente a realização de investigações longitudinais que permitam avaliar o impacto sustentado destas práticas ao longo do percurso escolar.

REFERÊNCIAS

Azevedo, J. (2009). A educação de todos e ao longo de toda a vida e a regulação sociocomunitária da educação. *Cadernos De Pedagogia Social*, (3), 9–34. <https://doi.org/10.34632/cpedagogiasocial.2009.1934>

Camões, A., Vaz, C., Machado, R., Sá, S. (2020). Profissionais da educação social: desafios contemporâneos Social. *Revista Multidisciplinar - Humanidades e Tecnologias (FINOM)*, 6-19.

Carvalho, C., & Carvalho, H. M. (2023). O papel e a relevância da educação social em contexto escolar. *Revista Lusófona de Educação*, (60), 139–153. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle60.09>

Carvalho, M. J., & Baptista, J. (2004). *Educação social: identidade e desafios*. Porto: Porto Editora.

Conselho da Europa (2002), *Compass – Manual de Educação para os Direitos Humanos com Jovens*, Edição portuguesa Dínamo (2016),

Jesus, A. S. de, Margarido, C., Sánchez, E. T., & Pocinho, R. (2024). O papel da educação social na promoção de competências socioemocionais em contexto escolar. *Revista Lusófona de Educação*, (62), 57–70. <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle62.04>

Kolb, D. (1984). *Experiential learning*. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall.

Moreno, B. S. (2023). *O papel do educador social em contexto escolar: Projeto de intervenção* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Algarve].

Ventura, S. A. D. (2021). *O papel do educador social em contexto escolar* [Relatório de Estágio, Universidade de Coimbra].

COMO CITAR ESTE ARTÍCULO: Magalhães-Silva, A.R., Alves de Couto, F.J., Barros-Amaro, P.A. (2026), A intervenção socioeducativa como facilitadora das relações interperssoais em contexto escolar. En: <http://quadernsanimacio.net> nº 43, Enero 2026; ISSN: 1698-4404.